

POR UMA EDUCAÇÃO PARA MORTE EM TEMPOS DE LUTO

Esther Isabella da Trindade¹

Daniela Sulamita²

Artemis Soares³

RESUMO:

Este artigo pretende realizar um estudo sobre a desmistificação da morte como tabu no ambiente educacional, para isso foi feito um projeto intitulado *Tanatos: O corpo é a obra* com alunas do Centro Educacional La Salle- Manaus/AM em 2021, ainda no período da quarentena no Brasil. A nossa metodologia aborda uma pesquisa qualitativa. Essa pesquisa é fruto da dissertação *Corpo, Pandemia e Morte: Ontologias em Quarentena* (2022) em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A coleta de dados foi concebida pela técnica da entrevista profunda e semiestruturada, observação participante e gravação das reuniões. No final do projeto, a última oficina permitiu verificar que as alunas demonstraram profunda sensibilidade ao representar suas percepções sobre a morte, e como cada uma carrega consigo influências de suas histórias de vida na interpretação do ciclo da vida. Nós nos debruçamos a esmiuçar os elementos das artes apresentadas pelas alunas e o resultado é esse artigo feito com tanta ternura. É necessário uma epistemologia e uma ontologia que se interessem pelo cuidado, ainda vivemos os reflexos da pandemia e de nós educadores é preciso emanar afeto por nossos educandos para entender seus traumas e ajudar a desconstruir os tabus que os atormentam.

Palavras-chave: Morte, Corpo, Educação e Ontologia

Introdução

Pensar, estudar, pesquisar e abordar sobre o tema da morte na educação e mais precisamente na escola não é uma temática que atraia interesse geral. Tendo em vista a importância e o valor central ocupado pelo conceito de morte no desenvolvimento humano, as experiências com a Morte Selvagem (Áries, 2017) durante a primeira e segunda onda do vírus da Covid-19 refletiram em uma ideia de que a temática tenha se tornado exaustiva na sociedade e que os jovens devem ser protegidos de lembranças dolorosas.

Os relatos de experiência foram registrados durante o mês de abril a maio através do projeto *Tânatos: O Corpo é a Obra*. Aqui, Tânatos, deus da morte na cultura grega, ganha em

¹ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: trindadestherisabella@gmail.com

² Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA-UFAM) e Professora da Educação Infantil na Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas- SEDUC. E-mail: danielasat76@gmail.com

³ Doutora em Ciências do Desporto (Universidade do Porto) e Professora Titular da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia- UFAM. E-mail: artemissoares@yahoo.com.br

nossa discussão outra tradução, ele é Tântatos na psicanálise freudiana que significa pulsão de morte. Essa pulsão obedece a uma demanda que nos conduz à busca pela solidão, dormência, pelas ações autodestrutivas e morte. Freud (1996) propõe que o objetivo de toda a vida é a morte. A partir do olhar da psicanálise, podemos observar que após um evento traumático como a pandemia, jovens e adultos desenvolveram um desejo inconsciente pela morte. As pulsões que ardem esse desejo também podem acalmar o corpo e conduzi-lo para o repouso. O pulsar da vida e da morte pode resplandecer nosso ser, eles existem para lembrarmos da nossa humanidade e de nossa finitude.

Esse artigo compõem parte da dissertação *Corpo, Pandemia e Morte: Ontologias em Quarentena* (2022). O objetivo dessa pesquisa foi realizar uma observação qualitativa sobre os reflexos da pandemia em jovens estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de um Centro Educacional. Nós buscamos dados que comprovassem as mudanças na visão de corpo e morte durante a pandemia, e o que encontramos foi universos de significados, uma vez que com a participação das alunas nossa pesquisa se tornou uma roda de conversa sobre experiências familiares e de novas descobertas. Utilizamos em nossa abordagem a técnica da entrevista profunda e semiestruturada, observação participante e gravação das reuniões que nos possibilitaram escrever cada palavra dita nos encontros feitos pelo Google Meet.

Desenvolvimento

Dependendo de cada cultura e crença religiosa, podemos encontrar diferentes conceitos para morte. Por tradição as crenças transformam-se em herança cultural e passam a habitar dentro de cada um, ao longo da nossa vida vamos nos deparar com situações que desafiaram nossas crenças ou a tornaram mais fortes. No primeiro encontro com as participantes dessa pesquisa, foi questionado qual a representação que as mesmas tinham de morte, as respostas se apresentaram tão ricas que precisamos realizar algo para que as alunas expressassem por outros meios seus ideais.

Anterior ao encontro, foi solicitado que realizassem, através de manifestação artística, uma produção que expressasse como elas veem a morte. E no dia 13 de maio de 2021 a oficina foi aberta para a exposição das produções. Ao contrário da perspectiva tradicional que vê a morte como “fim da linha”, a aluna Fernanda Shimizu apresentou uma pintura cujas cores ressaltam sua sensibilidade para uma representação além túmulo:

Figura 8 : “Vida”



Fonte: Trindade, Esther.

Na pintura da Fernanda, os traços e a palavra “vida” na parte inferior reafirmam a sua crença budista na vida após a morte. A aluna é descendente de uma família japonesa, e segundo seu relato, a filosofia de vida do seu avô inspirou reflexões sobre a continuidade da consciência humana além do túmulo:

Eu sei que você tinha pedido pra gente fazer sobre morte e tal, só que eu pesquisando assim, porque.. eu comecei a pensar nesse lance dos rituais, da morte de como essas culturas encaram a morte diferente aí eu pensei tipo assim, o meu avô ele era japonês e budista aí eu fui pesquisar sobre como o budismo enxerga a morte e tal aí tem todo aquele lance de encarnação e tal tal , aí eu já tava com essa ideia antes de fazer alguma coisa relacionada a flores porque eu tenho plantinhas aqui em casa eu gosto muito das minhas plantinhas aí eu desenhei isso aqui.

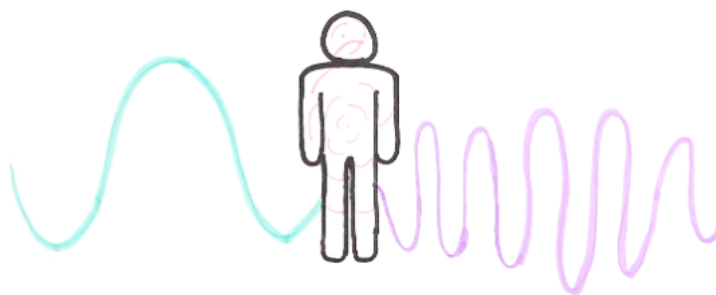
No sentido amplo, a morte é um fenômeno da vida. Deve-se compreender a vida como uma maneira de ser do qual comunica um ser-no-mundo. Questionada sobre o significado dos números que ligam as flores no desenho, a aluna respondeu durante a apresentação via Google Meet:

Na hora que eu fiz, fazia muito sentido na minha cabeça porque eu fiquei pensando nesse lance do tempo é.... Eh... as flores são vidas, tipo é diferente que esse espírito... eh ... experienciou, então seria como se fosse o tempo passando ou então... eh... acho que tem a ver com tempo.

A influência cultural que o avô exerceu sobre a sua percepção é o reflexo da concepção budista sobre morte. Partindo da compreensão que os rituais mortuários são singulares a cada cultura, povo e religião, sendo diferente para cada sociedade (Elias, 2001), acreditamos que o sentido deles esteja interligado a um desejo da projeção da vida para além do corpo físico. Para Pereira (2006), nessa elaboração original e sincrética dos ritos de passagem, no Japão acontece um fenômeno de separação de responsabilidades: enquanto o Xintoísmo resguarda os rituais de matrimônio e nascimento, o Budismo se responsabiliza pelo culto aos antepassados e ritos funerários.

Kubler-Ross (1985) sinaliza que os pontos de vista sobre a morte, sua reprodução no aprendizado cultural e o método com o qual uma sociedade ou subcultura explica a morte, repercute diretamente sobre o modo que os seus membros experimentam a vida. Para a aluna Milena, o corpo projeta uma frequência única e após a morte essa frequência se modifica:

Figura 9: Apresentação do desenho “Oscilações” da aluna Milena Duarte



Fonte: TRINDADE, Esther.

Na sociedade ocidental moderna, as experiências direcionadas aos sentimentos e emoções têm sido com frequência deixadas de lado, concebidas como uma esfera oposta à

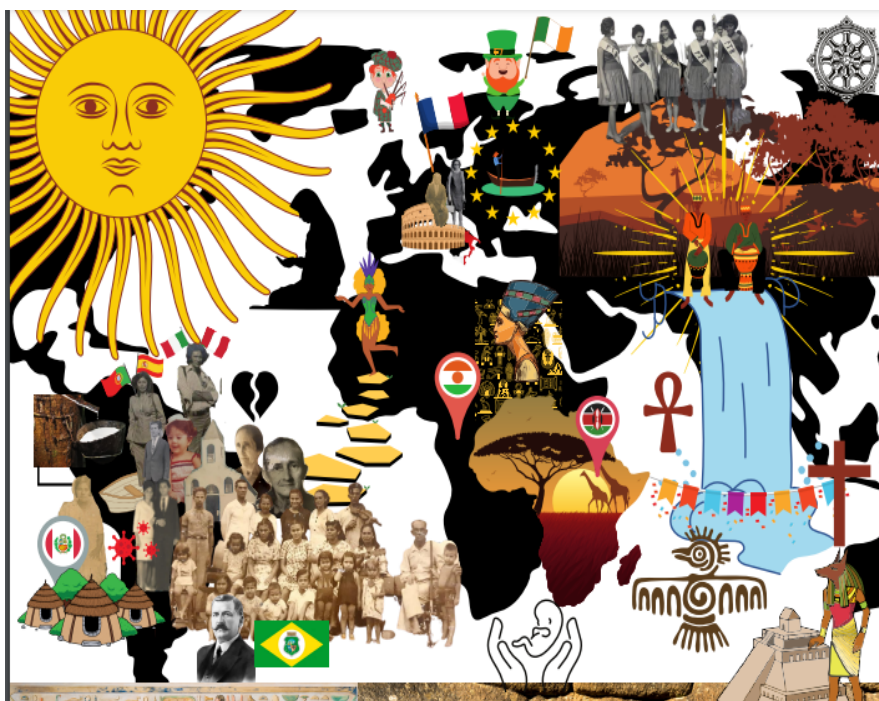
razão, elas são associadas ao descontrole e interpretadas como fenômenos naturais, cuja origem estaria condicionada à fisiologia humana. Contudo, quando posicionadas sob uma perspectiva antropológica, os modos de sentir, expressar e estimular as emoções passam a ser compreendidas como fenômenos culturais e sociais, variáveis a depender do contexto de cada grupo social. Para a aluna, as vibrações do corpo perduram para além da finitude biológica e ecoam através do tempo e espaço.

Assim como o corpo, não se pode resumir a morte aos fenômenos da fisiologia humana porque não é o corpo que sofre, e sim, o indivíduo em toda a sua plenitude. “O corpo vivo do homem não se limita aos relevos desenhados por seu organismo; o modo como o homem o investe, o percebe, é mais decisivo” (Le Breton, 2013, p.47). Assim, Milena expõe uma visão que ultrapassa códigos tradicionais e se emerge em um cosmo sensitivo:

Eu desenhei, assim dá pra entender, não é um dos melhores, claramente. Eu desenhei frequências, aqui tem uma frequência mais alta, e aqui uma mais leve, porque uma das coisas que ele me disse nas conversas é que a gente não morre, a gente muda de frequência, a gente sempre tá aqui. Então, a gente sempre sente alguma coisa né, então a gente nunca morre só muda de frequência, sempre por aqui sentindo alguma coisa, tanto que acho que tem até a haver né? (...) legal falar que a morte não deve ser uma coisa traumática e tudo mais e acho que pensar na morte como uma frequência... eu acho muito legal

Segundo Le Breton, é através da corporeidade que os sujeitos expressam e se comunicam sobre aquilo que sentem. Gradativamente, as histórias se transformaram em sabedorias de gerações passadas e uma foto antiga se revelará um relicário. Refazendo as pegadas de seus familiares Deborah apresentou sua arte, uma obra rica em simbologias:

Figura 10: Apresentação do “Mapa Espiritual”



Fonte: Trindade, Esther.

São pessoas que, tipo que fizeram alguma coisa pra eu chegar aqui . Todas as minhas origens e tudo isso. E aí esse ano, eu fiz um teste de que tipo, me mostrou a porcentagem de .. de minhas origens, vamos dizer assim, e aí muita.. maioria assim deu.. é.. nativo peruano né? tipo Inca mais essas coisas aí eu achei assim interessante aí comecei a pesquisar e tal e aí aqui em casa a gente acredita muito nesse negocio de vida passada e tal e que você vai evoluindo e depois que eu fui parar pensar sobre morte eu comecei a perceber que a gente sempre atribuiu isso a uma imagem de “Ah, você vai pro céu, ah, você vai pro inferno”. E Aí depois de algum tempo eu comecei a pensar que eu não acredito muito na ideia de inferno, eu comecei a ver que na realidade se a gente tá aqui na vida né pra evoluiu possivelmente a gente vai chegar num máximo de evolução que talvez a gente vá para um bom lugar nao sei, um negócio assim mais elevado a gente vai meio que parar de voltar pra terra pra sempre resolver coisas da nossa vida. e aí eu comecei a analisar também que eu posso facilmente ter sido uma pessoa da família e eu comecei a achar isso muito interessante e todas essas coisas que tipo envolvem o meu corpo e tudo o que aconteceu pra eu tá aqui e aí eu fiz isso aqui ...pra gente tipo.. morrer sabe? a gente tem que ter uma história, uma vida pra contar.

Normalmente as árvores genealógicas são retratadas com as gerações antigas em cima e suas descendências abaixo. A metáfora da árvore não foi usada por Deborah, na primeira parte, ela fez colagens de fotos dos parentes pelos países por onde sua descendência passou: Holanda, África e Peru.

É interessante o que a aluna fala sobre a morte: “pra mim é isso, morte é evolução e aí a gente começa a colocar a vida como um ciclo”. Integrada ao desenvolvimento humano no seu ciclo vital, a morte é uma realidade e, por mais que se tente afastá-la, ela estará presente mais cedo ou mais tarde. Para reverter essa repulsa, deve-se incentivar o hábito de pensar, discutir e falar sobre a morte proporcionando a cada pessoa encarar sua própria finitude. Essa reflexão levanta questionamentos sobre a vida, como se está vivendo, quais decisões foram tomadas até aquele momento (Santos, Incontri, 2010). A morte convida a todos a olharem para a vida em todas as suas nuances.

A morte é algo presente, pode acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar e em qualquer tempo, diferente do imaginário coletivo que sugere um pacto de que a morte só virá quando lhe for permitido que venha. A arte de Deborah sugere a ideia de “legado”, algo que

se pode traduzir como lembrança, um registro de que seus entes, conhecidos ou não, pisaram nessa terra por algum tempo. Similarmente, Leticia apresentou uma arte que retrata a ancestralidade:

Figura 12: Desenho “Céu estrelado”



Fonte: Trindade, Esther.

Eu fiz esse desenho inspirado naquele filme da Disney A Princesa e o Sapo, porque quando o personagem, que é um vagalumezinho, morre ele vira uma estrela e... a todo momento do filme ele cita muito a Evangeline que é o amor da vida dele. E Aí quando ele morrer eles ficam juntos, tipo ele fica do lado da estrela que ele fala que é ela. Eu acho isso muito bonito e essa cena é sempre muito emocionante. Então eu fiz esse desenho inspirado nessa cena, como se as pessoas morressem e ficassem perto dos seus familiares e as pessoas que elas amam como se fossem estrelas e eu gostei muito dessa ideia. Tipo, as pessoas morrem e viram estrelas, que é uma coisa que a gente ouve muito né, mas estrelas é uma coisa que a gente pode olhar todo dia, toda noite no caso, e saber que a pessoa tá lá de algum jeito e... é isso.

A ideia de morrer e virar estrela é reconfortante quando falamos da morte de uma avó ou um amigo muito querido. Leticia faz uma associação sobre a luminosidade dos espíritos, essa relação me fez recordar de *Floresta de Cristais* do antropólogo Viveiros de Castro

(2006). No artigo ele analisa a fala de Davi Kopenawa sobre os espíritos *xapiripë*. O yanomami, xamã e antropólogo diz que, esses espíritos “nunca são cinzentos como os humanos”. Ao contrário, são sempre magníficos, “o corpo pintado de urucum e percorrido de desenhos pretos, suas cabeças cobertas de plumas brancas de urubu rei” em seus braços há “miçangas repletas de plumas de papagaios, de cujubim e de arara vermelha, a cintura envolta em rabos de tucanos”.

A todo momento a narrativa retoma a luz, constelando de referências ao brilho, às estrelas e aos espelhos. Para Viveiros, os encantamentos luminosos proliferam em cada frase: “ao longo de doze páginas, praticamente uma em cada duas frases traz os *xapiripë* “brilhando como estrelas”, emitindo “uma luminosidade deslumbrante”, “uma luz resplandecente”, “uma claridade cegante”...”. Assim, quando esses espíritos descem à terra, “eles acenam com “folhas novas de palmeira desfiadas que brilham com um amarelo intenso””. (...) Quando os dentes “são demasiado pequenos, ou se faltam, (os *xapiripë*) os substituem por fragmentos de espelhos”. O solo sobre o qual eles dançam “parece vidro, e brilha com uma luz rutilante”...

Com o mesmo resplendor, Leticia também acredita que, após a morte, o corpo se transmuta para um ser de luz. Na concepção da luminosidade dos *xapiripë* a luminosidade intensa dos espíritos aponta o caráter super-visível destes seres, que são “invisíveis” ao olho despreparado pela mesma razão que a luz o é, por ser uma condição visível. Os “espelhos” em que se enche a narrativa de Kopenawa são justamente o instrumento de passagem entre as experiências da energia luminosa e dos numerosos espíritos, isto é, a sua infinidade quantitativa.

Como se fossem imagens da imagem, os espelhos se multiplicam na narrativa, simultaneamente o tempo é signo da presença e meio de passagem dos *xapiripë*: “Os *xapiripë* descem também até nós sobre espelhos, que eles mantêm acima do solo, sem jamais tocar na terra. Estes espelhos provêm de sua morada no peito do céu. (...) Há tantos espelhos quanto espíritos;” (Castro, 2006). Para Leticia olhar para o céu e imaginar que os corpos celestes podem descer e cuidar de nós traz um conforto, um pensamento que acolhe uma proximidade com o ser que se comunica em nossa dimensão na forma de uma estrela, nos permitindo “olhar todo dia, toda noite no caso, e saber que a pessoa tá lá de algum jeito”.

Resultados

Ritos, cerimônias, memoriais, formas de eternizar, ou distanciar a finitude e o ser da experiência, são retratos importantes para a compreensão do morrer. As expressões do ser no mundo fazem parte de múltiplas práticas, culturas e também, de uma existência criativa diante da morte. Para Milena, Fernanda, Déborah e Letícia a visita às suas representações de morte emergiram em manifestações ontológicas emocionadas. Encerrando o ciclo de oficinas, a pesquisadora perguntou das participantes o que o projeto significou para elas, Milena expressou sua empolgação ao participar:

(...) ver assim de frente que vai ser um assunto de morte, tu imagina que nossa vai ser com uma vibe totalmente pesada e vai dar dor de cabeça, vai sair morta... e não. Conseguiu abordar direito super leve de um jeito que a gente ficou agarrada sabe a gente conseguiu ficar prestando atenção na aula, não ficou fazendo qualquer outra coisa sabe? conseguiu se interessar pelo assunto e conseguiu pegar profundamente né pra fazer essas apresentações e é isso... eu quase nao cheguei aqui, porque eu perdi a reunião com a coordenadora e quase que eu não venho, mas eu fui procurar saber o que era eu eu “ah, eu vou participar, quero participar” aí foi a sorte que eu tive.

Na morte, a presença não desaparece, não se complementa, nem se torna objeto. Para Heidegger (2005), o finado é compreendido como aquele retirado de suas relações com outros, agora, deixados no mundo. Nas palavras do filósofo: “Nesse ser-com o morto, o finado ele mesmo não está mais de fato “por aí”. Ser-com indica, porém, sempre conviver no mesmo mundo. O finado deixou “mundo” e o deixou para trás” (2015 p. 312). Mas há quem retruque as palavras do filósofo com uma lenda urbana. Para os céticos, a verdade é que ninguém de fato foi e voltou da morte, e por isso, não há de saber como é esse outro lado.

Conclusão

Le Breton (2016, p.27) vai nos falar que: “A percepção é um acontecimento do sentido lá onde a sensação é um ambiência esquecida, mas fundadora, despercebida pelo homem a não ser que ele trejeite em percepção, isto é, em significação”. Ela é, por isso, uma conexão à palavra. Todos os trejeitos observados, cada palavra e entonação revelam corpos que se projetam no mundo. Em tempos de ontologias em quarentena, a liberdade canta pelos modos de se expressar do ser. Segundo Freire (1989, p. 6), a liberdade “é a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educados”. Com base nessa teoria, a educação libertadora

incentiva o diálogo, a problematização e a reflexão crítica, elementos que entusiasmaram os participantes.

Na pandemia o homem foi abandonado a referências cada vez mais subjetivas enquanto que aos poucos nele se apegou a função simbólica, o homem submetido ao isolamento recriou suas experiências (Le Breton, 2016). Durante as entrevistas notou-se que há um mundo entre as mímicas e os movimentos corporais dos sujeitos, são gestos que complementam as falas e a cena com significados próprios aos espectadores. As posturas, olhares, balançar de cabeça, cada movimento exprime uma emoção, desempenha um ato, acentua um discurso, conversa com o corpo do outro. Foram rostos e corpos que se entregaram à interpretação da pesquisa em uma valsa ontológica.

Referências

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no Ocidente**. Lisboa: Teorema, 2017.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 115-144. (v. XIV; A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)

PEREIRA, R. A. (2006). **O Budismo Japonês**: sua história, modernização e transnacionalização. Disponível em: <http://fjisp.org.br/artigo/o-Budismo-japones-suahistoria-modernizacao-e-transnacionalizacao/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1991.

LE BRETON, David. **Antropologia da Dor**. Tradução Iraci D. Poletti. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

LE BRETON, David. **Antropologia dos Sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SANTOS, F.; INCONTRI D. A educação para a vida e para a morte: do ensino Fundamental à Universidade. In: Santos FS. **A arte de morrer**: visões plurais. Bragança Paulista: Comenius; 2010. p.15-29.

ISSN: 2358-8829



CASTRO, Eduardo Eduardo Viveiros de. A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. **Cadernos de Campo** 14/15: 319-338. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50120>. Acesso em: 19/06/2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Vol. 1.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.